

26-04-2023

O que somos e o que fazemos com o de onde viemos!

Alan Machado

[Doutor em Educação, linguista, psicanalista e professor da Universidade Estadual de Goiás]

Sempre que ia à casa de minha avó, achava bonito o jeito que a encontrava, acorada na calçada com um cachimbo na mão.

O hábito de sentar-se de cócoras, muito raro hoje em dia, ela nunca abandonou. É um uso do corpo com perspectiva bem diferenciada do dos caras-pálidas que passeiam pelas florestas de concreto, crentes da sua superioridade diante de tudo.

Talvez estar acorado seja um modo de olhar o mundo respeitando a dimensão superior dele ou um modo de se pôr diante dos outros convocando-os para certa humildade, certa igualdade de tamanho sempre ínfima com relação à grandeza do mundo fora do espectro humano. Sim, porque estar de cócoras além de trazer os outros para uma igualdade de altura também nos põe em uma posição de vulnerabilidade: não dá para correr nem se defender, é um gesto de confiança nos que estão no entorno, coisa de civilização indígena.

O antropólogo Marcel Mauss lamentava que o mundo ocidental tenha perdido a capacidade de agachar, perda, para ele, que denota certa inferioridade com relação aos povos cujos corpos continuam a praticar essa posição estratégica.

Minha avó era neta de uma indígena que foi capturada ainda criança de dez anos nas brenhas da caatinga. Um irmão de minha avó quando a escutava falando disso sempre ressaltava, com certo orgulho: *Foi pega no laço, a dente de cachorro!*

Na verdade não se orgulhava do ato violento a que sua avó fora submetida, orgulhava-se da não sujeição, da resistência aos brancos, do apego a si e ao seu mundo, do desprezo pelos espelinhos e presentes de grego que arrastaram tantas etnias para a desgraça e a extinção. A violência dos brancos arrancou-lhe a inocência, a família e a língua materna, mas não toda a cultura. Embora a língua seja essa matriz onde a espécie escreve a sua subjetividade, o corpo moldado pela língua guarda gestos e hábitos que o diferenciam dos que não se formaram na mesma matriz. Minha avó era prova disso.

Eu sempre quis ser indígena, nem que fosse nos desfiles de Sete de Setembro. Nunca tinha pensado no porquê do meu fascínio, da minha queda por natureza e desapego por tudo que não fosse estritamente coletivo.

Sem saber, eu sempre estive do lado de minha avó e foi por isso que descobri quem era a avó dela, aquela indígena valente que não deixou morrer muitos hábitos de sua estirpe, sobretudo a ironia e o deboche. Sim, minha avó tinha um jeito gentil específico de olhar, sorrindo levemente com o canto da boca, que suavemente denotava discordância com o que afrontava os seus princípios e crenças, trejeito que eu também encontrava fielmente em minha mãe. Além dessa marca corporal silenciosa havia também gestos de minha mãe que prefiguravam uma nostalgia da natureza. Era como se a dor da bisavó arrancada da vida livre nas caatingas baianas e submetida a um mundo que repudiava o mato, onde equivocadamente se acreditava ausente a civilização, persistisse como uma saudade da vida que a ascendente levava quando no seio de sua família natural.

Então, por onde passava, minha mãe ia admirando plantas, colhendo mudas e levando para o seu quintal como se quisesse recompor o mundo de seus ancestrais, como se quisesse devolver à sua bisavó aquele mundo que os colonizadores destruíram; como se quisesse, ao estar no quintal de casa, estar naquele mundo de sua gente originária. Eu sempre estive do lado de minha mãe que amava tanto minha avó, muito mais que eu, com toda razão. Ela volta e meia também evocava o nome da bisavó ou mascava fumo no fundo do quintal, como que remoendo rituais antigos, contemplando plantas e flores como se estivesse acorada diante de algo superior a ela, a todos.

Isso tudo para os habitantes da selva de pedra talvez não passe de um tipo de romantismo barato de quem nunca provou das hostilidades do mundo natural. Mas não é isso. Minha mãe não ignorava as forças protetivas e destrutivas da natureza, a beleza e o horror quando o poder dessas forças cai sobre nós, daí vinha o respeito e a reverência herdada dos seus ancestrais indígenas. Digo tudo isso para não esquecer, como minha mãe e a mãe dela disseram, sem perceber, e fizeram o eco chegar a mim, e fizeram meu coração alcançar a floresta cujas raízes sempre estiveram enredadas em mim, na minha cor de pele, cabelos e olhos, nos meus gestos e gostos disfarçados ou ocultados pela crosta eurocêntrica do mundo que engoliu o mundo dos ancestrais de minha mãe. **É preciso nunca esquecer! E não esqueceremos porque nós somos frutos da violência colonial, mas, sobretudo, somos frutos daqueles oprimidos que não se entregaram, que não sucumbiram totalmente à sanha dos opressores. É o que insisto em dizer no cinza do 19 de abril dedicado aos povos indígenas. ■ ■ ■**

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.